

RELIGIÃO E CRIANÇA: O UNIVERSO INFANTIL ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS NA IGREJA ADVENTISTA

Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo mostrar metodologias, vivências e práticas usadas com crianças no meio religioso, chegando à observação da evangelização infantil na igreja Adventista. Detalho assim na primeira pessoa: a metodologia usada e o papel do pesquisador para a Sociologia, informando pontos positivos e negativos, e mostrando breves notas de campo. Trago observações, descrição, análise e interpretação do campo estudado, na Escola Sabatina, no grupo dos Primários da igreja Adventista, onde consegui observar e ver as contribuições da evangelização infantil para a socialização, através das aulas que assisti na igreja, dos desenhos que tive com as crianças, e das conversas com elas, e com os professores. Prossigo observando atividades e dados do grupo estudado, com desenhos. Por isso, sigo as metodologias já estudadas e pesquisadas por Pires (2011), Lewis (2006), Cohn (2005), Nunes (2007), Campos (2009), Santos (2011), Silva (2013), Falcão (2010). Com esses diálogos construí uma base metodológica, para seguir os percursos do meu campo de pesquisa. Portanto, esse material estudado rico no conceito de agência infantil me fez enveredar por uma área da Sociologia e Antropologia que começa a ter espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Adventistas; Observações de campo.

¹ Docente da Faculdade Paraíso do Ceará (FAPCE). Coordenadora do Grupo de Estudos Gênero, Geração e Direito FAP. Doutoranda em Ciências das Religiões (UFPB). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em Ciências Sociais (URCA). E-mail: priscilaribeiroj@hotmail.com

RELIGION AND CHILD: THE CHILDREN'S UNIVERSE THROUGH METHODOLOGIES, EXPERIENCES AND PRACTICES IN THE ADVENTIST CHURCH

ABSTRACT: This work aims to show methodologies, experiences and practices used with children in the religious environment, coming to the observation of children 's evangelization in the Adventist Church. I detail the first person: the methodology used and the role of the researcher for Sociology, informing positive and negative points, and showing brief field notes. I bring observations, description, analysis, and interpretation of the field studied in Sabbath School to the Adventist Church Primary group where I was able to observe and see the contributions of child evangelism to socialization through the classes I attended in the church of the drawings I had with the children, and the conversations with them, and with the teachers. I continue observing activities and data of the studied group, with drawings. For this reason, I follow the methodologies already studied and researched by Pires (2011), Lewis (2006), Cohn (2005), Nunes (2007), Campos (2009), Santos . With these dialogues I built a methodological basis, to follow the paths of my field of research. Therefore, this studied material rich in the concept of children's agency led me to embark on an area of Sociology and Anthropology that begins to have space.

KEYWORDS: Children; Adventists; Field observations.

INTRODUÇÃO

Criança é um ator social, ela se expõe, mostra o que pensa, e principalmente é na construção da infância que muito pode ser dito sobre aquela cultura, aquela sociedade. Percebi que o problema era que usava a lente que não alcançava a visão dos estudos sobre crianças e infância, e a partir de então, pude me afetar por esse novo campo. A pesquisa mostrada abaixo é parte da minha dissertação de mestrado intitulada "Criança adventista: Um estudo sobre a evangelização infantil".

A pesquisa de campo foi essencial para estudar crianças, e logo me lembrei de manuais de Sociologia que falam sobre observações de campo,

como também me recordei de estudos de campo como os de Lewis (2006) e Falcão (2010). Segundo Flick (2005) “A observação participante deve ser entendida sob dois aspectos como um processo. Em primeiro lugar, cada vez mais, tornar-se um participante e obter acesso ao campo e às pessoas (...). Em segundo lugar, a observação deve passar também por um processo para tornar-se cada vez mais concreta e concentrada”.

Fui para meu campo na tentativa de “ser aceita”, tentei absorver tudo que pude de literatura sobre crianças como: Pires (2011), Lewis (2006), Cohn (2005), Nunes (2007), Campos (2009), Santos (2011), Silva (2013), mesmo observando que a literatura sobre crianças que pregam nas igrejas como pastoras, não existiu. Aprofundi-me então em textos sobre crianças e religião como de: Falcão (2010); Pires (2009) e Campos (2009).

Algumas dúvidas surgiram para entrar em campo; antes das minhas visitas as igrejas, eu me perguntava, será que vou ter acesso às crianças? Como é difícil estudar crianças sem ser criança, já afirmou Pires (2010, 2011). Nunes reflete um pouco sobre essa relação:

Ao discorrer sobre a relação adulto-criança na sua pesquisa e relatar sua própria experiência, alude ao fato que não é preciso que o pesquisador torne-se um nativo no seu universo de pesquisa, mas que seja colocado em perspectiva com o “outro” a ser pesquisado de maneira a construir uma relação de confiança e reciprocidade entre ambos, permitindo assim, que a realidade flua quebrando as barreiras de geração, mas sem anular as identidades de adulto e criança, pesquisador e pesquisado (NUNES, 2007, p.154).

Desse modo, ao mesmo tempo eu me interrogava: “mas você já realizou pesquisa sobre evangélicos, sem ser evangélica? Então, era a mesma estratégia? Evidentemente que não, pois cada pesquisa se diferencia”. Cada ida a campo é uma nova reconstrução que deve ser feita, no intuito de tentar entender como funciona a igreja que pesquiso, e as crianças que se encontram nela.

1. ENTRANDO EM CAMPO

A estratégia então foi enveredar para a igreja Adventista, que tem cultos principais aos sábados e os fiéis sempre se cumprimentam com a saudação de: “Feliz Sábado”. Fiquei na sala das crianças; nessa igreja há duas salas de crianças, uma com menores de 5 anos e uma sala com crianças que variam de 8 a 11 anos (a sala da qual fiquei), a sala não é grande, os participantes são cinco: 4 meninos e 1 menina.

Na sala da qual fiquei havia três “tias”, digo tia como forma carinhosa e familiar que as crianças tratavam as professoras do culto delas, e eles conversam, cantavam e faziam suas atividades, ficavam em círculo sobre uma mesa redonda, fiquei na roda também, antes havia me apresentado a uma das professoras e explicado o meu intuito em assistir a aula deles. Ela me informou que esse procedimento de ter aulas para crianças é mundial da igreja Adventista, e que em João Pessoa teria também.

Neste dia participei da interação, em um dos exercícios, uma tia apresentou uma atividade com quadrados sobre qualidades e pediu que cada um deles escrevesse o nome da pessoa que tinha aquelas qualidades. Como eu não conhecia ninguém, apenas observei, todavia, daquele exercício a menina Lia, me perguntou qual era o meu nome, e me colocou uma daquelas qualidades. Fiquei feliz em ver que eu era percebida, de forma a me igualar a quem estava presente, mesmo não participando ativamente daquele exercício.

A minha primeira visita a esta igreja ocorreu em dois de fevereiro de dois mil e treze, com isso, o campo começou a se desenhar para mim, diferente do que eu queria impor.

Como na vida, não tentem direcionar demais o curso das águas, deixem a vida nos levar e tentem aproveitar os momentos de incerteza para perguntar aos nativos o que está acontecendo! Dificilmente o antropólogo escapa da pecha de chato, inconveniente ou louco. Chato porque pergunta sobre tudo, como a criança nas idades dos por quês. Inconveniente porque força as pessoas a se questionarem sobre o que é tido como naturalizado. E, louco, justamente,

porque parece desconhecer as verdades inquestionáveis (PIRES, 2011, p.145).

Foi a partir disso que usei de fato a observação participante, no total de dez visitas a igreja Adventista do Sétimo dia nos Bancários, assisti dez horas de um curso extensivo sobre a Bíblia para a idade de sete a dez anos, e mais uma hora de cada culto que fiquei depois da aula da Escola Sabatina, no total de dez horas de culto aberto. Foi então que percebi assim como Velho (1978):

A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigativo constituem sua marca registrada. Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente (p.36).

Entrei em contato, tentei me aproximar o máximo possível das crianças, com conversas antes do início das aulas, ou no fim das aulas, com meninos e meninas, em alguns momentos acreditava que elas falavam mais comigo nos espaços externos da igreja, como se a sala de aula fosse sagrada. Mas repensando sobre esses acontecimentos pude perceber que isso se dá, principalmente, porque na sala de aula é como se fosse uma escola, ou seja, na sala todos devem se comportar, e interferir somente quando alguns dos professores pedem, o modelo escolar é o melhor método, pois as crianças já são acostumadas nesse modelo. Fui também a uma aula do Clube dos Aventureiros, clube que duas crianças que conheci na Escola Sabatina freqüentam.

Em um desses momentos, de chegar à igreja e assistir às aulas, entrei na sala dos Primários, estavam lá as duas meninas, uma menina de uns 13 anos, que já usava os sapatos altos, e um menino (que depois descobri que seu nome é Rafael, deve ter 11 anos, e não se considera mais crianças) e não é dos Primários.

Assim que entrei, ele me interrogou: “Você também é dos Primários”, a pesquisadora: “Sou sim dos Primários”, e ele continuou: “Também desse tamanho, só poderia ser dos Primários”, isso foi muito bom. Essa frase do garoto mostrava que ele estava se “vangloriando” porque não era mais dos Primários, demonstrando que era maior que eu e as meninas da sala; isso o fez acreditar que eu era uma aluna, e não uma adulta que estava nos Primários.

2. METODOLOGIAS QUE ME AJUDARAM A COMPOR O TRABALHO

Para compor esse trabalho, usei como metodologia base a etnografia.

Ethnographic methods, in particular, are advocated as means of getting nearer to the ‘truth’ about what childhood is like (see Gubrium and Silverman, 1989). Modern ethnographic methodology, however, concurs with discourse theory, at least to the extent that it rejects a naturalistic view of ethnographic data. (JAMES & PROUT, 2005, p.25)

Unindo-se com outras atividades como os desenhos e recortes. Assim como afirma Cohn: “Crianças façam desenhos a partir de um determinado tema de interesse da pesquisa, com, digamos, a família ou a escola. Ou ainda fornecer material, como recortes de imagens de revista, para uma colagem”. (2005, p.46). Pensando ainda em desenhos concordo com: Santos (2011), Pires (2011). Usei então os desenhos na minha pesquisa com títulos, quando as crianças sabiam escrever.

Realizei três sessões de desenhos, divididas nas seguintes perguntas: “O que é ser uma criança adventista”, no mesmo dia também perguntei: “Porque eu gosto da igreja Adventista?”, pedia que elas colocassem seus nomes e um título, assim como Pires (2011) em “Quem tem medo de mal-assombro?”, essa sessão foi muito significativa para o aprofundamento da pesquisa, pois pude perceber o quão elas se identificam com a igreja Adventista.

Também trabalhei atividade com desenho com as crianças de 4 a 6 anos, da sala do Jardim, e pedi que elas desenhassem “a igreja Adventista e elas”.

Fiz também uma atividade de desenhos com os Primários, crianças de 7 a 10 anos, que foi: “como vai ser a volta de Jesus?” (os fiéis da igreja Adventista acreditam que Jesus voltará e levará os “bons” aos céus), elas também colocaram título e nomes, essa atividade também foi muito significativa para pensar a teologia da igreja, e como ela é reproduzida pelas crianças.

Também pedi recorte em outro momento, e elas realizaram essa atividade em casa sobre: “a figura de um pastor, o dia a dia das crianças, e o dia em que elas vão à igreja”.

Outro recurso metodológico que utilizei foi a entrevista, no total de duas entrevistas, uma com a praticante Marina que me abriu espaço na igreja, ela cresceu sendo adventista. Outra entrevista foi com a professora dos Primários a tia Daniela.

Outro artifício também foi à leitura das lições adventistas do primeiro semestre, com as lições dos professores e dos alunos; observando os recursos pedagógicos da igreja, e a maneira como os professores conseguiam acessar e passar para as crianças. Não fiz redações porque quase todos da sala estão sendo alfabetizados, e ainda não sabem escrever textos grandes.

Tive oportunidade de observar o grupo dos Juvenis, com idade entre 11 a 13 anos, poderia ter realizado uma visita e uma atividade com essa faixa etária, assim como fiz com o grupo do Jardim, mas achei interessante não abordá-los, porque ao falar com eles e com as pessoas da igreja, falava que aplicaria atividades com os Juvenis, ou seja, com as crianças entre 11 a 13 anos, e logo uma fisionomia de espanto rejeitava, negando a infância deles. Eles não se denominam mais como crianças, e é perceptível ver isso, como o exemplo de Vinicius, do grupo dos Juvenis, que estava na sala dos Primários e disse que eu só poderia ser da sala dos Primários, ou seja, eles se afirmam Juvenis-Adolescentes pelo que falam, e pela maneira como expressam que já saíram desta fase.

Depois de todo esse percurso de métodos apresentados acima, recordo-me dos conflitos que passei para realizar a pesquisa na Igreja Adventista. A minha entrada foi de forma fluída, os professores da turma entenderam que era uma pesquisa e me deixaram fazer a coleta necessária com eles, coincidentemente, uma das professoras estava passando também por processo de coleta para sua pesquisa de dissertação, fato esse que me ajudou bastante.

No entanto, certas vezes sentia a pressão para me tornar uma fiel, como ter que levar meu filho de 7 anos também à igreja, e participar do grupo dos Primários, a insistência era constante dos professores. Outro fato desse meu conflito em pesquisar a igreja, ocorreu no último dia quando encerrei com a entrevista, os professores disseram que ficaram felizes com minha estadia na igreja, mas que da próxima vez que eu fosse era para me unir a filosofia adventista. Em suma, mesmo me dando abertura eles não desistiram da minha conversão, mas isso é um fato lógico para os evangélicos, eles sempre esperam a conversão das pessoas que visitam sua igreja, eu ouvi todos os ensinamentos durante três meses o esperado era que eu me convertesse.

3. ESCOLA SABATINA E OS PRIMÁRIOS

A Escola Sabatina foi o momento auge de observar de perto as crianças. A sala da qual assisti aula se chamava Primários, que é composta por crianças de 7 a 10 anos, nesta sala há dois professores: Tio Joaquim, o professor, aproximadamente com 35 anos, cantor, alto, sempre se veste com roupa social, camisa de mangas compridas, calça e sapato, com aparência de pastor, ele já fez pregação no culto geral da igreja; é casado com a professora da sala, é também pai de um dos alunos e dar aulas nos momentos em que a professora não está.²

Tia Daniela, professora, tem 31 anos, é casada com Tio Joaquim, é a professora oficial da sala, sempre de vestido como todas as mulheres da igreja, sapato alto; quis me aparentar para eles entre a roupa de Daniela e

² Nomes fictícios.

os sapatos baixos das meninas da turma, ficando nesta fronteira, para não parecer ser a professora, já que sou uma adulta.

Alice, 7 anos, aluna, a criança mais me ajudou a entender a teologia da igreja e o que era passado para as crianças, ela foi a minha informante chave. Ela pretendia pregar no dia das crianças³, essa garota é filha de um dos pastores da igreja, e filha da coordenadora do Departamento Infantil da igreja.

João, 7 anos, filho de Joaquim e enteado de Daniela, outro informante importante, se veste muito parecido com o pai, de roupa social. Sara, 9 anos, por ser a mais velha, se sente a maior na sala, por isso sempre comanda as atividades. Pedro, 7 anos, menino tímido, muito calado, não conversa muito, e também não foi com tanta frequência. Rebeca, 7 anos, passou a ter mais frequência no grupo, no final das minhas visitas. José, 8 anos, também com pouca frequência no grupo.

A Escola Sabatina começa com a reunião dos professores, com estudo ou a recapitulação da lição da semana. Coleta de ofertas, mensagem musical, trabalho missionário, essa é a estrutura geral. Depois as crianças e os adultos se dirigem para o Culto de Adoração que é solene, com músicas, ofertas. As lições tratam de um determinado assunto, livro bíblico ou doutrina a cada trimestre. Estima-se que 25 milhões de pessoas frequentam a Escola Sabatina em todo mundo.

A Sala dos Primários era igual à sala de jardim de escola, a sala tem cadeiras brancas de plástico, pinturas nas paredes, mural com meses do ano com os aniversariantes de cada mês. Tem uma pintura da parede do lado esquerdo inteiro com Jesus num bosque e as pessoas felizes. Observei ainda um mural com horário com os nomes das crianças sobre oração inicial, oração de ofertas e oração final. Há, portanto, todo um esquema de atividades, elas têm um livro com lições diárias, que a professora aplica no sábado, e eles estudam em casa.

Fazia todas as atividades, seja colando, cortando, cantando, levando todo sábado minha ofertinha, eu queria ser participativa, para ser aceita,

³ Culto do qual poderia ter retornado para fazer essa observação, porém não foi confirmado esse culto, e não seria algo frequente essas pregações de Alice, esses cultos seriam mais em eventos como o dia das crianças. Deixo, portanto, para futuras pesquisas.

tanto pelos professores, como pelas crianças. No entanto nunca orei, nem no começo, nem na oferta, e nem no final, algo que me chamou atenção, porque eu não era adventista, e por isso, também não poderia fazer essas orações, estava mais para aprender do que para ensinar ou orar. “A presença do pesquisador introduz artificialidade ao contexto pesquisado, mas, embora não seja possível evitá-lo, o fato deve ser sinalizado.” (PIRES, 2011, p.34). Tentando fazer o possível para minimizar a minha artificialidade no contexto social, participando como as crianças nas atividades, sendo uma aprendiz dos Primários, realizando os trabalhos, sentada no chão como elas, brincando de adivinhação, de esconde-esconde, por isso, com o tempo, as crianças foram se acostumando com a minha presença.

4. LIÇÕES

As lições são compostas por um livro que vem para os professores e outro para os alunos, todos os trimestres. Tive acesso aos dois livros. A questão dos professores tentarem introjetar a doutrina da igreja se firma com as lições, essas atividades se consolidam com as atividades passadas, com a materialização com objetos e cenários dos quais os professores inventam para que as crianças entendam abstraído a teologia Adventista. Em relação às crianças, elas se divertem e questionam sobre o que assistem e escutam, não sendo, portanto, só uma mera reprodução, o que pode ser observado pela agência das crianças.

Em relação ao livro dos professores toda semana é detalhado os passos que os professores devem seguir como o que deve fazer nas “Boas-vindas” das crianças, oração e louvor (que é aquela oração do início), ofertas junto com oração e a lição Bíblica mais a aplicação da lição. Observei que há uma estrutura para isso, as quatro primeiras semanas há um eixo temático, exemplo, as quatro primeiras semanas ocorreram com o serviço: “Deus nos chama para servir aos outros”, nas quatro semanas do meio foi: “A graça de Deus significa boas-novas para nós”, e assim por diante.

Os temas circulam através desses serviços, cada dia tem um verso específico que as crianças precisam decorar. Na lição também há os objetivos que os professores devem alcançar, exemplo, na lição cinco do dia dois de fevereiro: “Os objetivos: a criança deverá SABER que a graça é a boa-nova de que Jesus a ama. SENTIR-SE feliz porque Deus a considera filha”. (Lição dos Primários- livro do professor, 2013, p.34). Observei ainda, que algumas atividades são realizadas pelos professores, outras não, pois muitas vezes o tempo não permite que os professores consigam realizar tudo.

Em relação à lição das crianças, também tive acesso, a primeira lição que estudei como aluna, foi a lição dez que tem o título “Morta ou viva”, eu havia assistido à aula como os outros alunos, e essa lição, falou sobre a menina que Jesus ressuscitou.

A lição das crianças funciona assim: tem a aula na Escola Sabatina, e todos os dias elas lêem em casa com os pais e fazem um mini culto com a família. Nessas atividades diárias a primeira que eu li foi sobre a volta de Jesus, por ser um dos ensinamentos da igreja, essa volta para eles já é introjetada desde que nascem. Entretanto, para mim, foi incômodo o modo como essa lição foi abordada. Abaixo a lição do dia nove de março:

Se possível, vá a um cemitério com a sua família, e leia a história da lição. Imagine como será esse lugar quando Jesus voltar. Leia João 11:25 na sua Bíblia. Algumas pessoas vão morrer antes de receberem a vida eterna. (Lição dos Primários- livro dos alunos, em 09 de março de 2013).

Depois que conversei com as crianças e as pessoas para poder entender melhor esse mandamento peculiar Adventista, entendi essa especificidade. Com isso, em uma conversa com Alice obtive algumas informações sobre o que as crianças acreditam ser essa volta de Jesus.

Pesquisadora: “e tu já está se preparando (para pregar no culto) ⁴?”.

Alice: “num sei, tô...”.

Pesquisadora: “tu vai falar do quê?”.

Alice: “da volta de Jesus.”.

Pesquisadora: “e como vai ser a volta de Jesus?”.

Alice: “ele prometeu que vai voltar, ele vai voltar numa nuvem.”.

Pesquisadora: “que lindo!”.

Alice: “do tamanho de uma nuvem, é porque lá do céu a gente pensa que a nuvem é bem pequenininha, mas quando chega aqui é bem grandão.”.

Pesquisadora: “eu não sabia depois tu me conta mais...”.

Alice: *“mas às vezes para mim parece que ele não vai voltar, mas ele vai.”*.

Pesquisadora: “porque ele às vezes não vai voltar?”.

Alice: “porque a gente vai viver eternamente, a gente não vai morrer⁵?”.

Pesquisadora: “mas porque tu acha que ele não vai voltar?”

Alice: *“Porque parece que viver eternamente é esquisito entender? Mas eu acredito que ele vai voltar.”*.

Pesquisadora: “Mas é difícil acreditar, é?”.

Alice: (riso) “a gente vai poder voar...”.

Nesse momento entrou João e disse: “É, meu pai falou que a gente vai poder voar.”. (Conversa com a menina em 06 de abril de 2013).

Acredito que essa conversa com a menina foi muito significativa, principalmente no trecho grifado. Ela disse que acreditava que Jesus voltaria, mas que era difícil de entender, mas que acreditava, ou seja, não só reproduzia, ela parava e pensava o quanto aquilo é importante.

Nessa fala é possível observar a agência dessa criança perante uma estrutura maior. Com diz Nunes (2007, p.12): “Agência para todos os seres

⁴ Abordei Alice porque a professora havia me dito que ela iria pregar, por isso a pergunta se ela já estava se preparando.

⁵ Alice ficou muito indignada ao falar que ira viver eternamente, se admirando da afirmação que ela mesma repetia.

humanos, incluída as crianças, cabe considerar que a capacidade infantil para agir e representar está em correlação com a sua idade, habilidade cognitiva e a história de suas relações com outras pessoas”.

O argumento da menina que iria voar é uma espécie de incentivo a acreditar nessa vida eterna, voar leva a Jesus, mas para isso é preciso acreditar. Outra questão relevante, é que ela disse que no dia que pregar vai ser sobre isso, ou seja, ela é filha de pastor, que incentiva as crianças a pregarem, como eu já assisti ele falar isso em público no culto⁶. A mãe de Alice é coordenadora da Escola Sabatina infantil, e ela tem que pregar com essa questão que é primordial na igreja, que é a volta de Jesus, o que é surpreendente, porque ela falou muito natural que é difícil entender.

A partir disso, decidi fazer uma atividade com a seguinte pergunta: “Como era a volta de Jesus?” Elas desenharam para mim esse evento. Abaixo alguns dos desenhos mais significativos.



Imagem 5- Desenho de Sara: “A volta de Jesus”

Sara fez Jesus em cima de uma nuvem bem grande, com raios amarelo saindo embaixo amarelo, e dois anjos tocando flauta com os pássaros voando. Embaixo, na Terra, um parque com gangorra, e escorregador, árvore e flores e duas meninas, uma de roupa rosa e outra amarela. Seu título: A volta de Jesus.

⁶ O pastor, pai de Alice falara em um culto público, que era preciso incentivar as crianças a pregarem, como isso já ocorria na igreja Adventista da Alemanha, pois as crianças são o futuro da igreja, e que precisava se preparar desde criança.



Imagem 6- Desenho de Alice: “Jesus voltará”

Alice fez um desenho muito colorido Jesus dentro do Sol, e uma nuvem grande embaixo, os anjos, e pássaros, na Terra uma árvore e um cemitério. O mais interessante é que não tem ninguém vivo no desenho dela; como nos desenhos das outras crianças, o desenho dela são só cruzes. Esse desenho representou muito para mim para pensar como esse processo de evangelização e socialização de Alice foi sendo construído.

No meio da atividade eu perguntei “e vai ser bom quando Jesus voltar?” Todos gritaram “sim!” Daniela, a professora, ao ver os desenhos, me falou que eles acreditam que Jesus vai vir e não vai pisar na Terra, vai ficar numa nuvem no céu, e os anjos é que iram descer e buscá-lo. Por isso, eles desenharam daquele jeito, anjos descendo.

Ou seja, através deste desenho vejo a doutrina da igreja, o que as crianças acham disso, e tudo através da evangelização, não só a evangelização infantil, a evangelização para as outras idades da igreja também mostra esse ensinamento.

Considerarei algumas das lições de suma importância, na medida em que pretendiam mostrar a socialização das crianças, socialização essa que pode ser pensada como Nunes afirma: “As crianças têm algo original a dizer, socializam-se ao longo de uma relação dialógica com o mundo à sua volta de tal modo que, justificadamente, sua vivência, representações e modos próprios de ação e expressão devem construir objetos da pesquisa social.” (2002, p.22) Por isso considero que elas ao estar em constante socialização, reproduzem os ensinamentos da igreja pela evangelização

infantil, e pelas lições estudadas, por outro lado, demonstram tal como Alice afirmou algo original, na medida em que ela disse que era difícil pensar/acreditar que iria viver eternamente.

A doutrina da igreja por sua vez, acredita que as crianças vão reproduzir os ensinamentos, e se algum sair do “caminho” da igreja, ela logo busca “cortar pela raiz”, ou seja, repreende e os fiéis, dos quais podem ficar meses sem poder ir à igreja, passar por uma espécie de julgamento, tal como informou Marina, que já acontecera casos assim, na entrevista que realizei com ela. Quando as crianças confrontam algo, logo ela é repreendida.

As crianças aprendem que não andar no caminho de Jesus tudo fica ruim, é preciso construir uma casa⁷, ou melhor, constrói-se na igreja para que nada de ruim aconteça para elas. Outra lição materializada foi a de massa de modelar, sobre o medo das crianças, que mostra essa construção desde a infância na igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, foi possível averiguar que o caminho metodológico com crianças foi o que de fato me levou a mergulhar nesse campo. São pequenos atos construídos e identificados pelas crianças, que concordam entre si, e ao mesmo tempo discordam. Ou seja, os pensamentos se cruzam, as ideias, os atos entre as crianças da mesma idade se interagem de uma forma dialógica, reproduzem a filosofia da igreja, como quando Jesus voltar vai vir em uma nuvem bem grande completando o pensamento do outro.

São esses pequenos atos que capacitam as crianças, do seu modo, a serem protagonistas de transformações, não transformações extraordinárias dentro da igreja Adventistas. Mas transformações pequenas, diárias, de como o professor deve se preparar para ministrar a aula, ou como deve contornar uma situação delicada.

⁷ Demonstrei essa analogia de construir casa, porque em uma das lições apresentadas os professores exploraram a ideia de que Jesus é terra firme para construir uma casa, e que ele sendo o alicerce nenhuma tempestade derruba essa casa, ou seja, com Jesus nada de ruim acontece.

Dessa forma, trazer a questão da Sociologia da Infância vinculada à Sociologia da Religião me fez pensar em um conjunto de categorias sociais que podem ser pensadas nessas duas esferas: socialização, agência infantil, imitação, evangelização, pastor-mirim.

Desse desenho metodológico foi possível chegar ao conceito que as crianças têm agência, como explicado ao longo desse texto, porém acredito que ela não tem autonomia, como enfatizei ao longo do texto. Para pensar autonomia, Sarmento colaborador dessa ideia afirma que: “As crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída. A infância é relativamente independente dos sujeitos empíricos que integram, dado que ocupa uma posição estrutural”. (2008, p.22).

O que nos leva a entender que, todos imitamos, todos nos socializamos ao longo da vida, e a agência infantil é um elemento encontrado ao longo da metodologia usada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é Sociologia da Infância*. Campina, SP: Autores Associados, 2009.
- CAMPIGOTTO, Marie, Élodie RAZY, Charles-Édouard de SUREMAIN, Véronique PACHE HUBER. *Le religieux a l'épreuve de l'enfance et des enfants : quels défis pour l'anthropologie?* *AnthropoChildren*, 2012.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. *Pesquisando o invisível: percursos metodológicos de uma pesquisa sobre sociabilidade infantil e diversidade religiosa*. Teoria sociedade. n° 17, p.148-175. E 1 – janeiro-junho de 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. RJ: Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, William A. *The sociology of childhood*. Sociology for a new century. Mathura Road, New Delhi, Índia, 2005.
- COSTA, César Augusto da. O debate teológico sobre a evangelização e a libertação na perspectiva da evangelií nuntiandi. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 286-321, jul./dez. 2012.
- DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. PIRES, Flávia Ferreira. Pastores mirins: levantamento bibliográfico sobre as crianças evangélicas. *II Semana de Antropologia da UFPB. Ética Antropológica em Debate: Práticas e Narrativas* – João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2012.
- _____. *O que importa é o conteúdo e não a forma: um estudo sobre a igreja do evangelho quadrangular em Juazeiro do Norte*. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais outorgado pela Universidade Regional do Cariri. Crato, 2012.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução Paulo Neves. –São Paulo: Martins Fontes, 1996. - (Coleção Tópicos)
- _____. *Educação e sociologia*. trad. Lourenço Filho, Edições Melhoramentos, São Paulo, 4ª ed., 1955, pp. 25.56.
- FALCÃO, Christiane Rocha. “ELE JÁ NASCEU FEITO”: O lugar da criança no Candomblé. Dissertação para grau de mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Orientadora: Profa. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos. Recife, 2010.
- FASSONI, Klênia, Lissânder Dias, Welinton Pereira. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança* — Viçosa, MG: Ultimato, 2010.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. *Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-performers da religião*. Etnográfica. Novembro de 2009. 13(2): 441-464.

- FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro. *Pro-Posições*, v. 15, n. 1(43)- jan-abr; 2004.
- FILHO, Evaristo de Moraes. *Georg Simmel: Sociologia*. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983.
- Filme: *As aventuras de Pi*. Dirigido por Ang Lee. Gênero: Aventura e Drama. Lançamento em 21 de dezembro de 2012, duração de 2 horas e 5 minutos.
- FLICK, Uwe. *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor, 2005
- GEERTZ, Clifford. *A religião como sistema cultural*. A interpretação das culturas. l.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 17º Ed. - Petrópolis, Vozes, 2009.
- GOMES, Ana Maria Rabelo. Outras crianças, outras infâncias? In: *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Crsitina Soares (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HIRSCHFELD, Lawrence A. *Why Don't Anthropologists Like Children?* American Anthropologist. Volume 104, Issue 2, pages 611–627, June 2002.
- JAMES, Allison & PROUT, Alan. *Constructing and Reconstructing Childhood: contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood*. Taylor & Francis e-Library, 2005.
- JAMES, Allison & JAMES, Adrian L. *Constructing Childhood: Theory, Policy and Social Practice*. Palgrave Macmillan, New York, 2004.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

- LEWIS, Liana. É hora de brincar! Mas em qual língua, se somos todos estrangeiros? Negociando lugares na pesquisa com crianças refugiadas na Inglaterra. *ILHA* - Florianópolis, v.8, n.1 e n.2, 2006.
- MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Estudos avançados. vol.18, nº. 52, São Paulo, setembro a dezembro de 2004.
- _____. *Neopentecostais. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. SP: Loyola, 2010.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: COSACNAIFY, 2008.
- MEAD, Margareth. “An investigation of the thought of primitive children, with special reference to animism”. *Journal of the royal anthropological institute*, 62, 173-190, 1932.
- NERI, Marcelo. *Novo mapa das Religiões*. Rio de Janeiro, FGV, CPS, 2011. Site: www.fgv.br/cps/religião.
- NUNES, Ângela; CARVALHO, Maria Rosário de. *Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Criança*. Trabalho Apresentado na 31 Reunião Anual da ANPOCS, 22 a 26 de outubro, de 2007 – Caxambu – MG, Brasil.
- NUNES, Ângela; Aracy Lopes da Silva; Ana Vera Lopes da Silva Macedo. *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. SP: Global, 2002 – (Coleção antropologia e educação).
- QVORTRUP, Jens. *Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”*. Artigo publicado em Eurosocial Report Childhood as a Social Phenomenon: Lessons from an International. Project, n. 47, 1993, p. 11-18.
- PIRES, Flávia Ferreira. *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e infância no semiárido nordestino*. RJ: E-papers; JP: UFPB, 2011.

_____. Resenha do texto de MAYBLIN, Maya. Gender, catholicism and morality in Brazil. Virtuous husbands, powerful wives. Palgrave, New York: Macmillan. 212pp. In: *Mana: estudos de antropologia*. Rio de Janeiro, 1995.

_____. *Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião*. *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, 30(1): 143-164, 2010.

_____. *Roteiro sentimental para o trabalho de campo*. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.

PORTAL DA IGREJA ADVENTISTA: www.portaladventista.org/portal/asn---portugu/7090-censo-demografico-apontamento-crescimento-da-diversidade-religiosa-no-brasil. Acessado em março de 2013.

PRANDI, Reginaldo e PIERUCCI, Antônio Flávio. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo; Hucitec, 1996.

REINHARDT, Bruno Maфра Ney; PEREZ, Léa Freitas. Da Lição de Escritura. In: *Fórum de Pesquisa 36, Antropologia, Trabalho de Campo e Subjetividade: Desafios Contemporâneos*, 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda (PE), 12 a 15 de junho de 2004.

RIBEIRO, Maria Thereza Rosa. *Antes Tarde do que nunca*. Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais do autor; (Resenha). Eduardo Viana Vargas. Rio de Janeiro, *Revista de Antropologia*. Contra Capa Livraria, 2000.

SANCHIS, Pierre. Religiões, religião. Alguns problemas do sincretismo no campo religiosos brasileiro. In: *Fiéis e cidadãos. Percursos de sincretismo no Brasil*. SANCHIS, Pierre; MEDEIROS, Tito Figueirôa de (orgs). Rio de Janeiro; EDUERJ, 2001.

SANTOS, Patrícia Oliveira Santana dos. *DEIXA EU FALAR! Uma análise antropológica do Programa Bolsa Família a partir das crianças beneficiadas do alto sertão paraibano*. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências

- Sociais outorgado pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.
- SARMENTO, Manuel. *Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças.* | Cadernos de campo, São Paulo, n. 17, p. 133-151, 2008.
- _____. *Sociologia da infância: correntes e confluências.* Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância.* *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.
- SILVA, Antonio Luiz da. *PELAS BEIRADAS: Duas décadas do ECA em Catingueira –PB.* Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia outorgado pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.
- SOUSA, Emilene Leite de. *Infância no caleidoscópio: desconstruindo conceitos, desestabilizando teorias.* Caderno Pós Ciências Sociais - São Luís, v. 2, n. 3, jan./jun. 2005.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: *A Aventura Sociológica.* NUNES, Edson de Oliveira (org), Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- WHITE, William Foote. *Sociedade de Esquina.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

Texto recebido em 15/12/2017 e aprovado em 29/03/2018.

